

ESCOLA PARA ADOLESCENTES: Realidade ou Ficção?

Anna Thereza Patricio B. Bezerra
Escola Técnica Federal da Paraíba - ETEFPB
Av.: 1º de maio, 720 - Jaguaribe
58015-430 - João Pessoa - Paraíba - Brasil

Resumo

A escola tem papel fundamental na vida de um indivíduo, por ser aí que este estabelece seus primeiros vínculos afetivos e sociais fora do lar. Na época da adolescência, é com dificuldade que a instituição educacional acolhe seus alunos, agora impacientes, barulhentos, desafiadores. O objetivo desse trabalho é apresentar a responsabilidade de uma escola para adolescentes, frente à problemática que envolve esta fase do desenvolvimento humano.

São corpos, rostos, corações, cabeças diferentes que pensam, embelezam, assustam, cativam. Um pouco de criança, um pouco de adulto, lá vêm eles elegantes, desengonçados, invadindo a escola por todos os lados. Falam, cantam, gritam e calam. Assim são eles, uma realidade que precisa ser encarada com tranqüilidade, por profissionais técnica, política e pedagogicamente preparados nas diversas áreas do conhecimento.

A educação de um indivíduo deve ser um canal para sua transformação, ajudando-o no desenvolvimento de suas potencialidades e na descoberta de outras. (NOVAES, p. 9. 1986). O psicólogo tem realizado um trabalho significativo nesse aspecto, auxiliando a professores, alunos e pais na melhoria de suas relações interpessoais e conseqüentemente no ensino-aprendizagem.

Constitui-se objetivo da Psicologia Escolar, a prevenção e desenvolvimento junto a uma equipe multidisciplinar de programas de higiene e saúde mental, que favoreçam o ajustamento dos alunos ao seu meio social, o que requer oportunizar os indivíduos vivenciarem experiências positivas não só no seu processo de aprendizagem, mas também em suas relações com os outros. O serviço de Psicologia na escola deve manter um trabalho integrado com os serviços médicos, de reeducação especial, de tratamento psicológico, e ainda com órgãos especializados no atendimento a crianças portadoras de deficiências visuais, auditivas e com distúrbios de linguagem (NOVAES pp 23 a 35, 1986).

O trabalho psicológico na escola deve envolver alunos, professores e a família dos alunos, pois é dessa harmonia que vai depender o sucesso ou fracasso escolar do aluno. Não se deve esquecer, no entanto, que outros fatores também podem interferir negativamente nesse processo como os problemas de saúde, os econômicos e os familiares.

Os distúrbios de conduta têm sido responsáveis por muitas dificuldades escolares, e merecem uma observação sistemática de pais e educadores.

Através da observação da sintomatologia que acompanha a evolução normal da criança, esses distúrbios são classificados em: distúrbios do sono, da alimentação, da motricidade, da palavra e linguagem, da sociabilidade, da sexualidade, da escolaridade; hábitos e manipulações; birra e ciúmes; medos e crises de ansiedade (GRUNSPUN P 115, 1995).

Até a adolescência tais distúrbios podem não parecer, no entanto, iniciar-se aí a eclosão de outros, próprios da idade, ou ainda de um quadro de defesa pela ansiedade que o indivíduo vivencia (GRUNSPUN P. 124, 1995)

O adolescente tem necessidade de emancipação, aceitação e flexibilidade do ambiente, constituindo-se características psicológicas peculiares desse momento, a tempestuosidade e o binômio dependência x independência, e/ou criança x adulto (GRUNSPUN P. 124, 1995)

A fadiga, os distúrbios físicos periféricos e os distúrbios sensitivo-motores, influem diretamente sobre a aprendizagem, embora a conduta escolar também possa favorecer o aparecimento de outros distúrbios como é o caso de instabilidade escolar, do rendimento escolar insuficiente, das dificuldades para leitura, escrita e aritmética: dislexias (GRÜNSPUN pp. 377 a 379, 1995)

O aparecimento de qualquer patologia no aluno merece a atenção e encaminhamento precoce a profissionais como médico, psicólogo, fonoaudiólogo entre outros para tratamento especializado conforme o caso.

O sucesso ou fracasso do aluno é influenciado não só por suas capacidades e habilidades, mas também pelo nível de relação que estabelece com os professores, colegas e seus pais.

A Psicologia Escolar apoia-se no tripé professor, aluno e pais, apontando para uma co-responsabilidade nessa relação, cujo objetivo é (re) estabelecer o equilíbrio emocional dos envolvidos, melhorando com isso o processo educativo (NOVAES, pp. 31 a 39, 1986).

A escola que atende a adolescente particularmente, precisa estar preparada no que diz respeito ao conhecimento, compreensão e respeito às modificações apresentadas nessa fase do desenvolvimento. Atualmente, mesmo havendo um grande acervo de informações técnicas, pedagógicas e científicas sobre a adolescência, ela continua assustando, surpreendendo a pais e educadores, que em sua maioria apresenta dificuldades para lidar com esta problemática.

Adolescência é um período importante na vida de qualquer pessoa, onde se percebe conflitos, angústia, contrastes, alegrias, descobertas, dúvidas, contestações, lutas, ambivalência, numa busca mágica do mundo adulto.

Nessa época as transformações fisiológicas e morfológicas são mais evidentes. O corpo começa a assumir proporções que desorientam o adolescente: crescimento ósseo; desenvolvimento muscular; aparecimento de pêlos no corpo; aumento da força física; as meninas menstruam; os meninos modificam a voz. Essas e outras mudanças a vivência de um verdadeiro luto pela perda do corpo infantil (ABERASTURY p. 25, 1988).

O despertar sexual gera ansiedade, mas traz também o desejo de agradar, fazer-se notar, ser reconhecido, aproximar-se fisicamente do grupo. O adolescente passa a andar em turma dentre outras coisas, para participar de atividades culturais e passear (BENETTI, p. 20, 1990).

O que há de menos visível no adolescente é aspecto intelectual, de cujo amadurecimento dependem seu comportamento e atitudes. Para o adolescente raciocinar representa mais que uma necessidade, é um prazer (BENETTI, pp. 26 a 28, 1990)

As referências e certezas familiares agora são questionadas, tornando-se necessário a construção de seguranças alternativas. Na busca de sua identidade, o adolescente muitas vezes constrói identidades negativas passageiras, opondo-se aos modelos ensinados pelos pais, vistos agora como seus iguais. (BENETTI, pp. 32 a 33, 1990). Nessa batalha ele vive o luto pela perda dos pais da infância.

O adolescente acompanha os modismos, e suas roupas, sapatos e acessórios, muitas vezes, apresentam características unissex, numa demonstração do conflito que vivencia em relação à definição de sua sexualidade. Percebe-se nessa forma de vestir, comum aos dois sexos, a presença de bissexualidade: bonés, camisões, tênis, cabelos longos, brincos, entre outros adereços que costumam usar, sendo mais vezes difícil identificá-los pelo sexo, sem uma observação mais cuidadosa. Sua forma de vestir e comportar-se desafia normas e preconceitos.

Na escola, o adolescente continua a chocar as pessoas pela ousadia que lhe é peculiar: usa farda pelo lado avesso, calças rasgadas, camisas e blusas recortadas em vários modelos, insistindo na aceitação dessa vestimenta como seu fardamento. Tudo isso traz inúmeros problemas relacionados à disciplina, o que tem provocado confrontos algumas vezes sérios não só entre ele e a escola, mas também entre esta e sua família.

A perda da identidade infantil é outra causa de luto (ABERASTURY pp. 24 e 25, 1988). Agora ele quer ser reconhecido como integrante da família e do grupo de amigos, um ser participativo e interessado em tudo que vai descobrindo.

Na escola de 2º grau é hora de resgatar a confiança, para continuação do processo de aquisição de sua identidade. Por esse motivo, o ambiente escolar deve oportunizar o desenvolvimento da autonomia, competência, capacidade criativa e coragem para enfrentar o mundo. Uma equipe multidisciplinar é essencial no acompanhamento das aquisições escolares. Médico, psicólogo, assistentes sociais entre outros, devem empenhar-se em minimizar os conflitos e dificuldades dessa fase.

Adolescência é tempo também de conquistas, descobertas e amadurecimento necessários na vida de qualquer pessoa. Por isso, não se deve acelerar nem impedir sob qualquer pretexto, essa passagem para o mundo adulto. Isto requer tempo, e esse tempo deve ser dado, bem como o prazer de experimentar a construção da personalidade adulta e de um estilo de vida próprio, correspondente aos seus valores e modelos (BENETTI p. 62, 1990).

Uma escola para adolescente deve estar preparada para enfrentar com amor, competência e sabedoria os seus alunos, o que só se torna possível se há conhecimento, compreensão e aceitação das transformações biopsicossociais e afetivas que aí ocorrem, a fim de prevenir, orientar ou até mesmo remediar possíveis desvios que venham a prejudicar o desenvolvimento normal do adolescente.

É preciso ainda reconhecer a necessidade de investimento com relação à freqüente atualização dos profissionais que lidam com o adolescente, para que possam instrumentalizar-se científica e pedagogicamente, face às constantes modificações comportamentais que ocorrem a cada geração.

A escola para adolescentes precisa estar e sentir-se viva, a fim de enxergar seus alunos com mais prazer e alegria.

Bibliografia

- ABERASTURY, Arminda et alli. Adolescência. 2ª ed. Artes Médicas. Porto Alegre 1988.
- BENETTI, Rosa Giuliana. Adolescência: notas de psicologia. Edições Paulinas. SP. 1990
- GRÜNSPUN, Haim. Distúrbios Neuróticos de Criança. 4ª ed. Livraria Atheneu. RJ., SP, Belo Horizonte 1995.
- NOVAES, Maria Helena. Psicologia Escolar. 2ª ed. Vozes . RJ. 1986.